

Recordar, Repetir e Elaborar: uma visão a partir dos procedimentos autocalmantes

Artigo

Gildo Katz

Médico psiquiatra. Membro titular fundador e
analista didata da Sociedade Brasileira de
Psicanálise de Porto Alegre.

Resumo: O autor discute a evolução do conceito de repetição e compulsão à repetição na obra de Freud salientando que o primeiro relaciona-se às pulsões de vida e à transferência e o segundo à pulsão de morte. Ilustra, através de um exemplo clínico, como, em certas circunstâncias, os procedimentos autocalmantes servem ao propósito de lidar com a pulsão de morte. A partir daí enfatiza a necessidade de utilizar-se de se abordar o problema com técnicas que fogem daquelas utilizadas nas neuroses de transferência nas quais valoriza-se mais a interpretação do que a atitude empática. Conclui que somente dessa maneira a psicanálise, em casos semelhantes, nos quais falta a angústia sinal, a clínica psicanalítica poderá ser efetiva e terá futuro pois estes quadros caracterizam o que se denominou de patologias atuais.

Palavras-chave: Compulsão à repetição. Procedimentos autocalmantes. Pulsão de morte. Técnica psicanalítica. Transferência.

1 Introdução

Carla tinha 39 anos quando procurou tratamento após séria tentativa de suicídio por ingestão de medicamentos. Desde longa data é hipertensa e sua vida foi marcada por numerosos problemas de saúde, em particular um carcinoma renal, severas alterações gástricas e uma vulvovaginite micótica refratária a todo tratamento. Além disso, sofreu três acidentes automobilísticos enquanto dirigia. Quando a vi pela primeira vez, há nove anos, apresentava um intenso sofrimento psíquico, suas angústias eram permanentes e difusas, típicas de uma depressão essencial (MARTY, 1993). Após o período inicial, começou uma análise de quatro sessões, muito

difícil pela presença inoportuna e brutal, na relação transferencial, de uma realidade – o *setting* com suas frustrações – que episodicamente reativa uma vivência traumática antiga e apaga as poucas marcas do trabalho analítico dificilmente elaborado durante as sessões. O peso dessa realidade, associado aos estados de desamparo e à dificuldade de manter uma continuidade psíquica, constitui uma configuração clínica que tem o selo da desmentalização (MARTY, 1995). Ao lado disso, manifesta grande excitação acompanhada do temor de enlouquecer e de queixas da impotência do marido e de sua impossibilidade em alcançar a satisfação sexual.

Para Carla, a hiperatividade era uma necessidade interna, pois lhe era impossível deixar de continuamente fazer alguma coisa. Costumava atenuar seu estado de sofrimento mental utilizando bebidas alcoólicas, posteriormente substituídas pelo piano que tocava de maneira compulsiva. Podia tocar horas e horas de forma repetitiva até o esgotamento físico. Com isso, baixava o nível da enorme tensão psíquica decorrente de decepções em sua vida afetiva e sexual. Tocava o piano, mas não produzia música.

Deixemos por hora o caso para nos ocuparmos do trabalho de Freud. Recordar, repetir e elaborar, de 1914, trata da memória, da transferência e da repetição através do ato. Procurarei abordar o trabalho sob o vértice da repetição porque, além de englobar todos esses aspectos, representa, com maior peso, as transformações da teoria das pulsões, até chegar a constituir, em 1920, a hipótese da pulsão de morte e por aparecer, invariavelmente, em todos os tratamentos psicanalíticos. Etchegoyen, em entrevista a Jorge Stizman (1998), sustenta que em 50 anos de atividade como psicanalista o fenômeno clínico que mais observou em seus pacientes foi o da repetição em suas diferentes formas de apresentação.

2 Repetição

A evolução do conceito pode ser resumida em três tempos que abrangem os distintos usos que Freud faz do termo ao longo de sua obra. No primeiro, a repetição se insere no descobrimento do inconsciente como memória; no segundo, vincula-se ao descobrimento do inconsciente como ação que se opõe à lembrança e se conecta com a transferência; e no

terceiro é percebida como descobrimento da dinâmica da pulsão no inconsciente em sua face de pulsão de morte.

No início das elaborações freudianas, a repetição não é propriamente um conceito; designa simplesmente o retorno insistente das marcas inscritas no inconsciente. No Projeto, de 1895, ela é concebida como a ligação psíquica de quantidades de excitações traumáticas como via de neutralização do desprazer. No *Manuscrito K*, de 1896, descobre que a repetição dos ataques histéricos é a repetição de uma vivência. Mais adiante, percebe, em um caso, que a repetição não cessa de produzir desprendimento de desprazer, pois é a lembrança, e não a vivência, o que ocasiona um intenso desprazer.

A repetição aparece, assim, como o modo pelo qual as precoces vivências sexuais da infância se inscrevem em forma de cenas que se fixam como lembrança traumática, a qual irá se manifestar posteriormente. Freud descobre que a única defesa frente ao desprazer que acompanha as representações geradas pelas vivências é a repressão das marcas que as formam. Nesse momento, psicanálise é sinônimo de preenchimento das lacunas da memória.

No segundo tempo, em “Recordar, repetir e elaborar”, de 1914, ela é concebida como tendo o objetivo, por meio da transferência, de repetir memórias passadas na tentativa de exteriorizá-las dentro de um sistema prazer-desprazer.

Freud parte de uma pergunta: como pode o analista conhecer o que está sendo esquecido pelo analisando? O esquecimento, índice da repressão, manifesta-se frequentemente como retenção de coisas sabidas desde sempre, mas às quais não se havia prestado atenção. O esquecido pode dar-se a conhecer também por vias indiretas, como sonhos, lapsos, sintomas, que escondem e mostram ao mesmo tempo o mais essencial da vida infantil.

Mais adiante, passa a examinar um outro modo de retorno do reprimido que não passa pela lembrança; um modo que difere de todos os citados anteriormente: a repetição, na qual o analisando não recorda de nada do que foi esquecido ou reprimido, senão que o vive novamente.

E que relação teria com a transferência? Freud a vê e ilustra com diversos fenômenos que se produzem no analisando. Um dos exemplos que dá é o de uma pessoa que relata não haver sido rebelde com a autoridade paterna, mas se conduz desse modo com o analista. Nesse momento, transferência e repetição são equivalentes, pois, para ele, a repetição é a transferência do pretérito esquecido, mas não só sobre a figura do analisado, senão em todos os terrenos da vida presente do analisando. O sujeito repete em lugar de recordar sob condições de resistência, que é tanto quanto maior for a ação da repetição.

A repetição deixa claro, ao se manifestar em atos do sujeito, tudo o que se incorporou ao seu ser, partindo de fontes do reprimido: suas inibições, seus sintomas e seus traços de caráter patológico. A repetição leva o analista a não tratar mais a enfermidade como um fato histórico, mas como uma potência atual. Por isso, a repetição, desencadeada pelo tratamento psicanalítico, pode traduzir-se em um agravamento das neuroses, um mal transitório, inclusive necessário, para que esse aspecto da vida real seja trazido ao presente, uma vez que é inacessível pela via da lembrança e do pensamento.

Mas, para a resistência, a repetição é uma “faca de dois gumes”. Se por um lado ajuda a superá-la, por outro, suscita a resistência do analisando em continuar o tratamento quando não vê melhora alguma em sua análise.

Para refrear os danos da compulsão à repetição, Freud propõe o que chama de “manejo da transferência”, conforme o que devemos dar aos sintomas da doença uma nova significação, baseada na transferência. Freud pensava que deveria haver um “modo de agir” do analista que fosse eficaz, para que a repetição pudesse ser levada ao terreno da transferência, convertendo a neurose em “uma doença artificial”: a neurose de transferência. Mas essa ideia otimista não durou muito tempo, pois em seguida escreveu *Observações sobre o Amor de Transferência*, no qual, ao abordar o amor de transferência e a transferência hostil, as percebe como resistências que se constituem em obstáculos ao avanço da análise.

A solução do problema aparece nas últimas linhas de Recordar, Repetir e Elaborar: a resistência não se vence com a interpretação do analista, pois não é suficiente compreender algo para que cesse, mas dando tempo ao

paciente “para assimilá-la, elaborá-la e dominá-la”. Esse penoso trabalho para o analisando, e dura prova de paciência ao analista, terá como recompensa o descobrimento das pulsões que alimentavam a resistência, que antes somente se manifestavam de forma opaca nos atos repetitivos, em atuações fora do tratamento que, não raro, ocasionavam resultados desastrosos. Os efeitos terapêuticos mais profundos e duradouros somente são alcançados com essa elaboração do sujeito alheio a qualquer influxo sugestivo do analista. O recrudescimento da repetição, que agravou a neurose durante a análise, chegará a dar, finalmente, frutos evidentes.

3 Desenvolvimentos do Conceito de Repetição: a compulsão à repetição como expressão da pulsão de morte

O enigma da repetição seguirá ocupando Freud depois de 1914, pois não se decifra plenamente na neurose de transferência. Descobrirá que a compulsão à repetição é uma estranha carga que confere a certas manifestações da vida psíquica um caráter demoníaco.

Freud dá, então, um giro radical no seu conceito de compulsão à repetição quando não a define somente pela insistência de marcas reprimidas em acederem à consciência, determinando o sujeito em seus atos mais aquém e mais além de suas lembranças, mas se revelam veículo da pulsão, procedentes do corpo. Nesse terceiro tempo, Freud não se limita a incluir apenas as pulsões sexuais, pois no demoníaco da repetição encontra a parte da vida humana que não obedece ao princípio do prazer. É a face destrutiva das pulsões, que já não se podem classificar como pulsões de autoconservação *versus* pulsões sexuais.

Mais Além do Princípio do Prazer, de 1920, é um texto complexo, e às vezes obscuro, constituindo-se, na opinião de muitos, uma especulação, pois o modo com que procura teorizar a pulsão de morte e seu trabalho na repetição contrasta com sua teoria baseada nos dados de observação da clínica.

No que o texto aporta sobre o nexa entre repetição e pulsão de morte, Freud aborda os casos em que a compulsão à repetição se manifesta pelo fato de que o sujeito atraiu repetitivamente o desprazer. Como exemplo,

propõe as neuroses traumáticas, alguns brinquedos infantis de caráter repetitivo, como o jogo de carretel, alguns sonhos de angústia, que não podem ser explicados como tentativas de realização de desejos, e as neuroses de destino.

Quanto à repetição na transferência, sustenta que esta é a mais difícil de entender, porque reproduz acontecimentos que não trazem consigo qualquer possibilidade de prazer, que nunca constituíram uma satisfação nem sequer foram sentimentos pulsionais reprimidos. O sujeito repete fracassos e dor, não êxitos e satisfações. A repetição não é somente um retorno em ato da pulsão reprimida, mas, com ela, o retorno do fracasso no encontro com o outro ao qual a criança estava ligada libidinalmente.

Ainda que não se veja a participação do sujeito nos malogros de sua vida e ele possa parecer somente vítima passiva de seus repetidos infortúnios, a psicanálise irá descobrir, na repetição que organiza a neurose de destino, o traço característico do ser do sujeito que se manifesta na repetição desses mesmos atos.

Em resumo, a partir de 1920, a compulsão à repetição é concebida como pulsão de morte e suas descargas são reguladas pelo princípio da inércia, que visa à defusão pulsional em oposição às pulsões sexuais (princípio do prazer) e às pulsões de autoconservação (princípio de constância). A pulsão de vida procura a fusão pulsional, na qual aparece o desejo que não cessa de aspirar à repetição de um acontecimento satisfatório primário impossível de restaurar.

Freud pergunta-se, no capítulo IV, sobre as condições em que surge a compulsão à repetição e sobre a função que cumpre para o indivíduo. A compulsão à repetição mostra que as reprimidas marcas mnêmicas das primeiras experiências infantis não se acham no sujeito em estado de ligadura. O fracasso da ligadura fará surgir uma perturbação análoga às neuroses traumáticas. Há um excesso de energia que transborda, salta da mente para o corpo e age silenciosamente para o retorno ao inanimado, ao inorgânico.

É através da angústia sinal que o ego evita a sua inundação, ao ligar psicicamente as quantidades de excitação invasoras e procurar sua descarga. Quando falta a angústia sinal, aparece a “compulsão à repetição”

em sua face mais sombria e demoníaca: a pulsão de morte, atividade do id.

Freud irá, então, se interrogar sobre a dificuldade que oferecem à psicanálise as neuroses de destino, nas quais a compulsão à repetição se torna independente do sujeito. Há pessoas que repetem sempre, por toda a sua vida, sem corrigir-se e para seu dano, as mesmas reações ou que parecem perseguidas por um destino implacável. Uma investigação algo minuciosa, no entanto, nos revela que são elas mesmas que, sem saber, preparam tal destino.

O demoníaco das repetições é sua própria obra. Esse é o obstáculo que a compulsão à repetição oferece à psicanálise, e que somente uma psicanálise pode sacá-lo por meio do conhecimento de, e de quão pouco lhe serve, essa maldita parte do gozo que pode desvelar-se na elaboração analítica.

Nem sempre a compulsão à repetição cede pelo efeito do trabalho analítico. Em *Moisés e a Religião Monoteísta*, escrito entre 1934-1938, Freud expõe um caso de sua experiência no qual a repetição está a serviço da pulsão de morte, quando termina em completo aniquilamento e na desintegração do ego, ou em seu subjugamento por aquele setor precocemente cindido e dominado pelo trauma.

A clínica, com efeito, mostra que *Mais Além do Princípio do Prazer* não é mera especulação de Freud, e que os destinos de uma análise se jogam na elíptica roda da compulsão à repetição. A psicanálise rompe com qualquer determinismo, permitindo ao sujeito uma margem de liberdade, uma vez que ele pode dar aos acontecimentos traumáticos de sua vida respostas inéditas, não percebidas antes. Mas como viver a pulsão e o desejo sem as cadeias da repetição? Isso não está escrito em livro algum. O saber extraído de uma psicanálise não diz **como**, mas, sim, **em que** condição: desprender-se de algumas marcas do outro primordial e perder o que funcionou como ganhos de prazer no passado.

Se os sujeitos não pudessem curar-se da compulsão à repetição, que na realidade só os faz ganhar mal-estar e dor, a psicanálise teria de escrever em sua porta principal, aliando-se a algumas ideologias atuais: *sem futuro*. Há, pois, futuro para o analisando, já que não quer ignorar que sua

vida não manifesta um não passado e porque, sabendo do seu passado no presente da repetição, pode chegar a deixá-lo para trás sem se alimentar penosamente dele.

A compulsão à repetição, na forma como Freud a concebeu, é um modo de compor com a pulsão reprimida uma partitura que não cessa de tocar as dissonâncias da vida de um sujeito para quem retumba o silêncio da pulsão de morte sobre a música da pulsão de vida, com a qual dança o desejo.

E o que se escuta nesse silêncio? Muitas vezes, são as alterações no próprio corpo do analista, como sonolência, dores musculares, manifestações gástricas, entre tantas. Outras vezes, alterações no corpo do paciente, descritas em seu relato. Outras, observando um tipo de funcionamento como o de Carla, cuja excitação parte do corpo e volta ao corpo, como assinalou Green (1998), e que não tem história nem projeto nem memória. A pulsão, por sua vez, tem uma história e um projeto. Trata-se, pois, da dialética pulsão-excitação, na qual a excitação está sempre ao alcance do aparelho psíquico e quando entra sem ser convidada, à força, é para desfazer e borrar fragmentos importantes do tecido psíquico.

Quando a mente não consegue controlar as quantidades de excitação, põe em marcha medidas particulares para baixar o nível de tensão psíquica que é sentida como muito penosa. Essa medida produz, de certa maneira e momentaneamente, a calma no seio do aparelho psíquico. Por isso podem ser qualificadas como procedimentos autocalmantes (SMADJA, 2005a; 2005b). A qualificação de calmante se deve a sua oposição à satisfação, ao prazer. O termo autocalmante indica que o ego é tanto o sujeito como o objeto dessas técnicas que tratam de retornar à calma do inanimado, diferente da calma que oferece a mãe e, por vezes, o analista. Esses procedimentos, e aqui está seu caráter clínico principal, utilizam habitualmente a motricidade, a percepção e a realidade despojada de toda a carga simbólica; trata-se de uma realidade bruta, fática, operatória. Eles são postos em movimento em um clima de urgência e estão submetidas à compulsão à repetição – pulsão de morte.

Muitos anos depois, Carla, uma pessoa sem passado, como costumava repetir, contou que perdera a mãe aos 15 anos, uma mulher do dever e não do prazer, diferente do pai, que gostava de viver, mas era ausente. A

existência de Carla tomou um rumo diferente porque o que tinha morrido dentro dela era a esperança de ter um projeto de vida, como afirmou. A decepção, embora tivesse origem na mais tenra infância, acentuou-se e acabou sendo sua marca principal: no trabalho, com o marido, com os filhos e, por fim, na transferência, de modo que nada contava para ela, a não ser morrer. Sua decepção comigo vinculava-se ao fato de que se queixava da falta de reciprocidade em nosso relacionamento. Não podia receber nada de mim, uma vez que era uma relação meramente profissional. Desse modo, o marco psicanalítico parecia reproduzir a decepção fundamental que não se referia apenas à morte da mãe, mas à ausência de afeto desta – uma pessoa que, embora se ocupasse da filha, não estava disposta a conversar e a ter contatos físicos. O fato de não ser como a mãe e de esta não ser como Carla tornou-se um acontecimento traumático que agora repetia comigo. Comentou que eu me parecia com sua mãe, que lhe transmitira a técnica de tocar piano, não a alma. Dessa maneira, ficou claro que, quando estava tensa, ia ao piano e tocava incessantemente, produzindo apenas golpes que a aturdiavam. Essa era a única forma que encontrava para não sofrer a dor causada por uma angústia não sentida que arrasava sua subjetividade ao não conseguir transformar os processos quantitativos do id em algo novo: os afetos como representante da vitalidade das pulsões. Na medida em que começou a resgatar fragmentos de vida que estavam destruídos, rompidos ou, quiçá, nunca tivessem existido, sua análise foi evoluindo e, certa vez, surpreendeu-se por tocar bem. Teve o sentimento de interpretar toda a sua cólera e todo o seu ódio. Mesmo que o marido, naquela noite, não a satisfizesse sexualmente, e ela tivesse a costumeira dor estomacal, começou a pensar no que acontecera à tarde e sentiu que tocara com alma, fizera música. Comentou que experimentou o sentimento de ter algo importante em sua vida, algo que nunca vivenciara antes. Creio que se pôde observar, por meio da transferência, a passagem de um procedimento autocalmante para uma atividade de sublimação ou a transformação da compulsão à repetição – pulsão de morte – em repetição a serviço da vida.

Um mundo que se pode explicar ou interpretar, ainda que com maus argumentos, é um mundo familiar. Mas, nesse tipo de paciente, se o analista mantiver a função clássica de superfície refletora diante das dimensões falhas da experiência psíquica e da vivência somática de seu paciente – isto é, se ele se obstinar em manter o espelho sempre no mesmo

lugar e ângulo –, não poderá refletir senão o nada constituído pela representação destruidora e pelo afeto sufocado. Convém, portanto, que o analista possa distinguir a falha significável, que induz ao desejo e à criatividade, desse nada irrepresentável, indizível, metáfora da morte: terreno limite do analisável e que busca uma nova forma de abordagem que é a criação, a construção de um vínculo empático, em lugar da interpretação (MCDUGALL, 1978, p. 142).

Remembering, Repeating and Elaborating: a vision starting from the selfsoothing procedures

Abstract: The author discusses the evolution of repetition and compulsion to repetition concepts in Freud's work, pointing out that the first links to life impulses and transference, while the second links to death impulses. He illustrates through a clinical example how, in certain circumstances, the selfsoothing procedures serve to the purpose of working with death impulses. Since then he emphasizes the need to approach the problem with techniques that flee from those used in transference neurosis, in which the interpretation has more value than a sympathetic attitude. He concludes that only in this sort of psychoanalysis and in similar cases where there is a lack of suffering signs, the psychoanalytic clinic can be effective and have future, because these frames depict what was called "current pathologies".

Keywords: Compulsion to repetition. Death impulse. Psychoanalytic technique. Repetition. Selfsoothing procedures. Transference.

Recordar, Repetir y elaborar: una visión de los procedimientos auto-calmanes

Resumen: El autor discute la evolución del concepto de repetición y compulsión a la repetición en la obra de Freud, destacando que el primero se relaciona con las pulsiones de vida y con la transferencia y el segundo, con la pulsión de muerte. Ilustra, mediante un ejemplo clínico, como, en ciertas circunstancias, los procedimientos autocalmanes sirven al propósito de administrar la pulsión de muerte. A partir de ahí, enfatiza la necesidad de abordar el problema con técnicas distintas de aquellas utilizadas en las neurosis de transferencia, valorizándose más la interpretación que la actitud empática. Concluye que solamente de esa manera el psicoanálisis, en casos similares, en los cuales falta la angustia señal, mediante la clínica psicoanalítica podrá ser efectivo y tendrá futuro, pues esos cuadros caracterizan lo que se denominó de patologías actuales.

Palabras-clave: Compulsión a la repetición. Procedimientos autocalmanes. Pulsión de muerte. Técnica psicoanalítica. Transferencia.

Referências

- FREUD, S. (1895). Projeto para uma Psicologia Científica. In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. E. S. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. I.
- _____. (1914). Recordar, Repetir e Elaborar. (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. E. S. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XII.
- _____. (1920). Além do Princípio do Prazer. In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. E. S. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVIII.
- _____. (1938). Moisés e o Monoteísmo. In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. E. S. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXIII.
- GREEN, A. A mãe morta. In: _____. **Narcisismo de Vida, Narcisismo de Morte**. São Paulo: Escuta, 1988.
- MARTY, P. **A Psicossomática do Adulto**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- _____. **El Orden Psicossomático**. Valencia: Editorial Promolibro, 1995.
- _____. Génesis de las Enfermedades Graves y Criterios de Gravedad en Psicossomática. In: CALATRONI, M. T. (comp.). **Pierre Marty y la Psicossomática**. Buenos Aires: Amorrortu, 1998.
- _____. **Les Mouvements Individuels de Vie et de Mort**. Essai d'Économie Psychomatique. Paris: Payot, 1976. tome 1.
- MCDUGALL, J. O Corpo e o Psicossoma. In: _____. **Em Defesa de uma Certa Anormalidade**. Porto Alegre: Artmed, 1978. cap 8, p. 125-142.
- SMADJA, C.J. Concerning the self-Calming Behaviour of the Ego. In: _____. **The Psychosomatic Paradox**. London: Free association Press, 2005a. (Studies of Self-Calming Behaviour), p.185-202.
- _____. Self-Calming Behaviour or the Incomplete Fate Sado-Masochism. In: SMADJA, C.J. **The Psychosomatic Paradox**. London: Free association Press, 2005b. (Studies of Self-Calming Behaviour), p. 203-214.
- STIZMAN, J. H. **Conversaciones com R. H. Etchegoyen**. Buenos Aires: Amorrortu. 1998.